

O Livro da Minha Vida

Texto e Ilustrações de **Isabel Pereira Leite**

O livro da minha vida foi-me oferecido por alguém muito querido, num já longínquo Dia de Reis (longínquo, mas sempre presente), em 1985.

Os livros, para além de contarem histórias, têm, eles próprios, a sua história.



Este começou por me fazer sorrir, quando abri o embrulho e lhe vi o título, sem dúvida mais do que a propósito – os três Reis do Oriente, os três Reis Magos, aqueles que, conduzidos pela estrela que com eles “falava”, partiram ao encontro do Menino Deus para O agradecerem com as suas oferendas: ouro, incenso e mirra, presentes verdadeiramente dignos de um Rei.

Rei era o Menino nascido; o Seu reino, porém, não era deste mundo. Esta Revelação, que na sua plenitude acontece 33 anos depois, é apresentada a Gaspar, a Belchior e a Baltazar como factor determinante que os traz de longe, rumo ao lugar onde se faz luz.

Seria esta, então, a história que o livro contaria. Do autor, já eu tinha ouvido alguma coisa, embora nunca tivesse lido nada por ele escrito.

Era, assim, uma novidade escolhida a dedo para mim. Lembro-me muito bem do sereno entusiasmo com que logo me debrucei sobre a sinopse apresentada numa das badanas. Também me recordo da curiosidade que logo se apoderou de mim à menção de um quarto Rei Mago.

De facto, a referência fez soar uma qualquer campainha, num recôndito lugar da minha memória, mas nada de relevante. No presépio da minha infância não havia senão três Reis, sendo um deles negro – Gaspar.

Na tradição judaico-cristã, um quarto Rei não tinha lugar. Aliás, essa história de Reis seria mais lenda do que outra coisa; apenas S. Mateus menciona a sua existência, sem lhes atribuir nomes. Seriam três, decorrendo isso do facto de o Evangelista se referir a três oferendas. Nomes? Ao certo, o que se saberia viria da leitura de textos apócrifos, arredados de quem, por educação e formação, apenas conhecia algumas das fontes da espiritualidade ocidental, as canónicas, mais propriamente.

Assim, quando se fala de um certo Taor, que apenas partira em busca de uma guloseima e se torna, sendo o quarto Mago do Oriente, num mártir do Cristianismo, uma vez destinado, desde o início, a faltar ao encontro em Belém, a minha vontade de logo abrir o livro para abraçar a sua história foi quase irreprímível...

Mas saber esperar, sobretudo quando o que nos espera parece aliciante, é sempre bom. Há sensações que só ganham com esse aprimorar, com esse aguçar do paladar. Perante uma iguaria, o que primeiro lançamos é o olhar.

No momento próprio, chegada a altura de saciar o gosto, precisamente o quarto dos cinco sentidos, o prazer revela-se na sua pujança.

Curiosamente, só agora, escrevendo estas linhas, me dou conta da coincidência. Taor, no encaço da já referida guloseima que lhe saciaria o apuradíssimo paladar – o gosto – é a quarta personagem real. O império dos sentidos, aquele que faz de nós seus reféns, (in)voluntários prisioneiros de nós próprios e uns dos outros, continua, mais hoje, até, do que em 1985, a conduzir a História. Convocaria agora, se julgasse apropriado, exemplos até de civilizações pré-clássicas, tão convincente me parece a importância da sua imperial força.

Mas voltemos ao livro, ao tal livro que eu, ainda hoje, só empresto exclusivamente àqueles em quem confio. Infelizmente está de todo esgotada, em Portugal, a tradução que então foi feita e constituiu o nº 1 da Colecção Ficção Universal da Dom Quixote.

Com grande pena minha, é uma obra que não posso ter o gosto de oferecer a ninguém, a não ser no original francês, que tem conhecido, esse sim, edições diversas, e em várias línguas, ao longo dos anos, no seu país de origem e em muitos outros.

Há coisas que não se percebem. Talvez a mais bela obra daquele que considero, sem receio de errar, o mais aclamado escritor francês da actualidade, não é reeditada em Portugal! Porquê? Será necessário proporcionar um encontro entre os três Reis Magos e D. Quixote? Ah! É verdade! Não convém esquecer o quarto. Na realidade, sendo o último, será o primeiro, a personagem central, a que encarnará o pleno sentido da tal Revelação.

Não. Não vou entrar assim pelas páginas do livro adentro. Não é essa a minha intenção.

Assim sendo, retomo o fio à meada.



E recomeço, por exemplo, no que muito superficialmente sabia sobre os Reis do Oriente que encontraram o Menino e “enganaram” Herodes, no regresso a casa. E que sabia eu? Ao certo, passados 24 anos, estou em crer que bastante menos do que hoje admito que fosse do meu conhecimento nessa altura.

Enfim, Gaspar, o Rei negro, representa a África; Belchior, a Pérsia e Baltazar, a Arábia.

Etimologicamente, considerando o que significam estes nomes em hebraico, o primeiro, Gaspar, é “aquele que vai verificar” e oferece incenso, o que pressupõe o reconhecimento da divindade do Menino.

O segundo, Belchior, é o que, ao dirigir-se à Criança, a vê como “Rei da Luz” e Lhe oferece ouro, presente digno da realeza.

O terceiro, Baltazar, vê no Recém-nascido “o Rei que Deus apresenta” e leva-Lhe mirra, numa clara alusão à Sua imortalidade. Jesus: Rei, Sacerdote e Profeta.

Esta é, tão somente, uma das versões conhecidas sobre os três Reis do Oriente. Há outras que não são coincidentes, mas que não se afastam muito desta.

De qualquer maneira, muitos vêm na adoração dos Magos o cumprimento de uma profecia contida no Livro dos Salmos: “Os Reis de toda a Terra hão-de adorá-Lo” (Salmo 72, 11)

Convenhamos, em todo o caso, que, muito para lá da realidade, a viagem dos Reis Magos tem inspirado, ao longo dos séculos, inúmeros artistas por esse mundo fora.



Taor, recriação mítica ou não, apaixonou-nos desde a primeira linha em que se fala dele. Comovente, fascinante, é-nos revelado com ternura, candura mesmo. Taor é o eleito.

O que os quatro Reis, Magos, Sábios, Sacerdotes seguidores de Zaratrusta, enfim, o que quisermos admitir que fossem, viram no firmamento foi a estrela/cometa que anunciava o nascimento do Rei de Israel, o Messias prometido.

Foi essa ânsia, essa enorme vontade de O louvarem que os uniu e os fez partir na senda da Sagrada Família.

Já revelei que, ao contrário dos outros três, Taor falha, consecutivamente, o encontro: começa por chegar a Belém depois de José, com Maria e o Menino, ter partido para o Egito.

Durante 33 anos, apesar disso, a sua alma luminosa vai encontrando o que os outros três Reis não encontraram.



O Rei de Israel, aos pés de quem Taor tanto queria prostrar-se, escolheu “morar” no coração do quarto Rei Mago: o Amor, o verdadeiro Amor todo feito de entrega e dádiva generosa, transforma a história que este livro sublime conta num hino inesquecível.

Posso confessar que tenho esta obra “tatuada” em mim, tantas têm sido as vezes em que pego nela. De cada vez que o faço, descubro algo mais nas suas linhas, ou entre elas, e isso, sei bem, só acontece com “o eleito”.

Ah! É verdade! De que livro falo eu?

De “Gaspar, Belchior & Baltazar”, de Michel Tournier.

O livro da minha vida!



Porto, 24 de Outubro de 2009